

## **Guaranis e Gualachos:** as missões como espaço de convivência étnica

Gabriele Rodrigues de Moura (Mestranda – Unisinos)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo proposto para a mesa temática *América indígena, ontem e hoje* tem como objetivo estudar os diversos grupos indígenas que viviam na região da bacia do Rio da Prata antes da chegada dos colonizadores ibero-americanos. Estes grupos conhecidos como Macro-Jê e Guarani aceitaram ou resistiram à dominação proveniente desta dupla forma de conquista, através da "cruz e da espada". Os indígenas que aceitaram a conquista dos espanhóis, primeiramente, sofreram um processo de escravidão, sendo obrigados a prestarem os serviços de *encomienda*. Pouco depois, ainda sofreriam outro tipo de escravização quando eram aprisionados pelos bandeirantes, nas inúmeras invasões sofridas. Os indígenas que se negavam ou resistiam, com fugas ou lutas, viram nos jesuítas e, nas missões que estavam sendo propostas por estes, uma possibilidade de reencontrar a liberdade que lhes havia sido tirada. Aqueles que se negaram, no caso específico os pajés ou caciques-pajés, a aceitar estes "novos invasores" de batina preta, lutaram enquanto lhes foi possível, muitos morreram, enquanto outros, acabariam indo ajudar na construção de novas missões. Seriam estes indígenas que formariam e constituiriam parte fundamental das narrativas feitas sobre eles e sobre suas atitudes na vasta documentação escrita pelo Pe. Antonio Ruiz de Montoya, enquanto se encontrava no Guairá e até o ano de 1643, quando regressou da Corte de Madrid com a aprovação do armamento indígenas.

**Palavras-chave:** Indígenas- Missões– Antonio Ruiz de Montoya

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado das pesquisas feitas pela autora no âmbito do projeto "Jesuítas nas Américas", que conta com a bolsa de pesquisa CAPES/PROSUP, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues.

A partir dos documentos escritos por Antonio Ruiz de Montoya S.J., o presente artigo visa fazer uma breve história Indígena – Missioneira, retirando os grupos não - Guarani, das *sombras* as quais foram colocados dentro da historiografia. Estes indígenas não – Guarani foram colocados nesta perspectiva, no momento em que passaram a ser considerados como apenas aqueles que se voltavam contra o cristianismo, ou como grupos *guaranizados*<sup>2</sup>. Segundo o que afirma o historiador Jean Baptista, em seu artigo *A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas?*<sup>3</sup>, que estes indígenas não – Guarani são excluídos porque, “ainda, é bastante recorrente a tomada de qualquer informação provinda da experiência missional como um dado referente aos Guarani, quando em verdade, corre-se o risco de se estar perante informações de outras etnias<sup>4</sup>”. E, prossegue:

As fontes consultadas até o momento fornecem informações relativamente seguras sobre a localização geográfica dos grupos não – Guarani introduzidos no processo missional. Aponta-se, com isso, a existência de

---

<sup>2</sup> O arqueólogo e historiador Arno Alvarez Kern salienta que alguns dos indígenas da bacia platina sofreram um processo de *guaranização*, em torno de 2.000 A.P., com a chegada dos Guarani, vindos da Amazônia, na região. Além de Kern, muitos outros arqueólogos e historiadores defendem a mesma teoria das missões Jesuítico-Guarani. Entretanto, o historiador Jean Tiago Baptista, elucida que o termo *guaranização* é equivocado, pois, nem todos os indígenas que foram habitar nas missões eram Guarani ou *guaranizados*. Esta afirmação de Baptista é embasada com uma vasta documentação jesuítica entre os séculos XVII e XVIII, onde consta a presença de indígenas pertencentes, não apenas aos grupos de fala Tupi-Guarani, mas também grupos de fala Jê e os chamados *pampianos*. Maiores informações em: MELIÀ, Bartomeu. **El guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria**. Asunción: Univ. Católica, 1988; KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994. (Síntese Rio-Grandense: 16/17); NEUMANN, Eduardo. Os Guaranis e a razão gráfica: cultura escrita, memória e identidade indígena nas reduções – Séculos XVII & XVIII. In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul – Vol. 5); BAPTISTA, Jean Tiago. A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas? In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul – Vol. 5); dentre outros.

<sup>3</sup> BAPTISTA, Jean Tiago. A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas? In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul – Vol. 5)

<sup>4</sup> BAPTISTA, Jean Tiago. **A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas?**, 2009. P.208

povoados que contaram com Guarani numa escala menor do que até então se imaginava, além de povoados destinados a grupos especificamente não – Guarani<sup>5</sup>.

A informação, dada pelo autor, é confirmada pelas inúmeras Cartas Anuais, que descrevem grupos “muito diferentes dos Guarani”, como no caso dos *Coronados*, *Cabelludos*, *Guayanás* ou *Gualachos*<sup>6</sup>. Isto se deve a prática dos jesuítas de observar e descrever minuciosamente os indígenas, como forma de analisar quais seria a melhor maneira de evangelizar estes povos<sup>7</sup>. E,

---

<sup>5</sup> BAPTISTA, Jean Tiago. **A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas?**, 2009. p. 209

<sup>6</sup> Cf. Bartomeu Melià: “Hay que advertir también que sólo será estimada la población guaraní propiamente dicha, dejando de lado las tribus de otra filiación etnolingüística, generalmente conocidas como Guayaná o Gualacho y pertenecientes a la familia jê. MELIÀ, Bartomeu. **El guaraní conquistado y reducido**: Ensayos de etnohistoria, 1988. p.61

<sup>7</sup> Seguindo o exemplo de São Francisco Xavier, que se dedicou a aprender os hábitos dos povos orientais, antes de dedicar-se a evangelização dos mesmos. Além de ser um desbravador de novas terras, ainda “tratava-se de adquirir novos conhecimentos para firmar e aprofundar a Fé dos novos cristãos”. PAIVA, Raul. **São Francisco Xavier: Um jesuíta nos caminhos do Oriente**, 1984. p. 45. Pregando o catecismo na língua nativa dos povos que vinha conhecendo durante sua longa viagem entre as índias Orientais. Francisco Xavier também caracterizou-se pela defesa desses povos, como no caso dos Paravás (pescadores de pérolas), diante da exploração que vinham sofrendo. Fossem os pobres Paravás, os sábios hindus (brâmanes) ou os sábios japoneses (bonzos budistas), todas as culturas para Xavier eram dignas de reconhecimento e respeito. A partir dessas breves considerações, pode-se levar em conta que é informado por Maria Massimi e Geisa Rodrigues de Freitas: “Dentre os conceitos-chave da prática retórica utilizada pelos jesuítas - que poderíamos rotular de interativa -, destacamos o conceito de “acomodação” (do latim *accomodatio*, derivada de *commodus* – *cum* + *modus*, sendo o mesmo que “*com modos, com medida*”), o qual remete ao sentido de adaptação, apropriação, de conciliação ou atitude mediadora”. MASSIMI, Maria; FREITAS, Geisa Rodrigues de. **Acomodação retórica e adaptação psicológica na pregação popular dos jesuítas na Terra de Santa Cruz**, 2007. p. 114. As autoras prosseguem salientando que “‘acomodação’ - recurso retórico que implica o conhecimento psicológico do outro como base para o estabelecimento de novas relações sociais [...] Os relatos - cartas e documentos informativos contendo narrativas de pregadores e visitantes - mostram a função e o uso desse recurso para uma comunicação eficaz diante de uma população culturalmente diferente. Mostra-se que a partir da concepção de uso da palavra com função doutrinária e persuasiva ensinada e praticada pelos jesuítas, a pregação era considerada como meio de transmissão de doutrinas, valores e práticas, mediada pela diversidade cultural dos destinatários. Tal mediação permitiria estabelecer uma comunicação persuasiva e o menos coercitiva possível, a coerção não condizendo com a afirmação da liberdade pessoal, doutrina básica da teologia católica reafirmada na Modernidade diante dos abusos em nome de ideologias religiosas praticados pelas políticas coloniais. Nessa perspectiva, a norma retórica da acomodação proposta por Cícero no *De Oratore* foi utilizada pelos jesuítas como propiciadora da mediação: exemplo histórico da busca de métodos mais humanos de interação em contextos conflituais, baseados na adaptação e atenção à psicologia do outro”. MASSIMI, Maria; FREITAS, Geisa Rodrigues de. **Acomodação retórica e adaptação psicológica na pregação popular dos jesuítas na Terra de Santa Cruz**, 2007. p. 111. Após o Concílio do Vaticano II, esse conceito passa a ser cunhado pelo termo moderno de “inculturação”, que também pode ser utilizado para entender o processo de “acomodação” do tempo de Ignácio de Loyola. Segundo Jeffery Klaiber : “La palabra y el concepto han reemplazado otras palabras

então, após fazer estas descrições detalhadas de hábitos alimentares, costumes, rituais, relações familiares até diferenças lingüísticas. Enfatizariam quais as “tribos eram mais dóceis e capazes ao ensino<sup>8</sup>”, “sua inclinação<sup>9</sup>” a se tornarem *civilizados* e *crístãos*, como também, “o gênio dominante de cada uma das nações gentias<sup>10</sup>”. Em tais registros jesuíticos foram percebidos quais foram os elementos fundamentais para que este projeto missional fosse concretizado entre os indígenas. Estas descrições *jesuíticas* apontam para a presença de grupos de fala Jê<sup>11</sup>.

A existência dessa missão comprova que era possível uma convivência étnica pacífica, entre os grupos Macro-Jê e Tupi-Guarani, quando estes visavam um objetivo comum, que seria fugirem da escravidão que lhes eram impostas pelas frentes de colonização luso-espanhola. Mesmo sendo um espaço de liberdade controlada, as missões propostas pelos jesuítas, poderiam ser percebidas como uma boa alternativa para continuarem existindo etnicamente.

No presente artigo serão tratadas apenas da missão de Los Angeles da Tayaoba no Guairá<sup>12</sup>, a partir da documentação produzida por Antonio Ruiz de

más tradicionales como ‘adaptación’ o ‘aculturación’ porque estas no acaban de expresar adecuadamente la nueva sensibilidad misionera respecto de las culturas cristianas”, assim sendo, “la evangelización que realmente practica la inculturación engendra una nueva cultura cristiana que hace aflorar lo mejor de la cultura no cristiana, sin destruirla ni anularla”. KLAIBER, Jeffrey. em **Los jesuitas en América Latina, 1549-2000: 450 años de inculturación, defensa de los derechos humanos y testimonio profético**, 2007. p. 02-03

<sup>8</sup> RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. **As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia**, 2011. p.30

<sup>9</sup> RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. **As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia**, 2011. p.30

<sup>10</sup> RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. **As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia**, 2011. p.30

<sup>11</sup> “É possível apontar que esses grupos pertençam ao tronco linguístico Jê a partir das distinções elaboradas pelos próprios jesuítas, não raro plenamente cientes das diferenças entre os grupos: os Gualacho, para Montoya, são ‘o contrário dos Guarani’; os Guañana, muito embora alguns apresentem traços de *guaranização*, são concebidos pelos jesuítas como ‘nação diferente e de diferente idioma’ quando comparados aos Guarani; já os Coroados, conforme o padre Nicolau Durán, denomina-se Camperos ou Cabeludos, e não apenas possuem um idioma distinto dos Guarani, como também se apresentam com uma tonsura ‘semelhante a dos freis’”. BAPTISTA, Jean T. **O Temporal: sociedades e espaços missionais**, 2009. p.110

<sup>12</sup> As missões do Guairá seriam as seguintes: Nuestra Señora de Loreto e San Ignacio Mini (1610); San Francisco Xavier (1624); San José e Nuestra Señora de Encarnación (1625); Santa María (1626); San Pablo del Iniaí, Santo Antonio, Los Angeles, San Miguel, San Pedro e Concepción de Nuestra Señora de Guañaños (1627); San Thomas e Ermida de Nuestra Señora de Copacabana (1628); e, Jesus-Maria (1630). Informações encontradas em: PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia do Paraná**. Disponível em:

Montoya S.J.<sup>13</sup>, acerca dos povoados do formados por indígenas de fala Jê, ou o caso de missões de povoamento misto.

## 2. Los Angeles de Tayaoba

No caso da missão de Los Angeles de Tayaoba ou Siete Arcangeles, trata-se da tentativa, inicialmente bastante frustrada, de evangelização de um grupo Guarani. A história dessa missão passa desde a narrativa da “ferocidade” desses indígenas e, a insistência dos jesuítas para que eles se convertessem. Segundo o que nos informa Ruiz de Montoya, os indígenas de Tayaoba eram “gente tan cruel y guerrera, comedora de carne humana y que tan en el corazón tenían la venganza<sup>14</sup>”.

Na ocasião em que Montoya tem de deixar a província de Tayobá fugindo de infiéis prontos para devorá-lo, percebe que ficou para trás a pintura da Virgem que até então o acompanhara. [*O menino que o acompanhava, voltou para recuperar a imagem e não mais voltou*] Algum tempo depois, numa segunda investida na mesma região, dessa vez acompanhado por um contingente do exército espanhol, Montoya entra na aldeia dos infiéis já evacuada. Um caldeirão com carne cozida com milho ainda fervia e os conquistadores se põem a degustar o

---

<<<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>>>.

Acesso em: 06/02/2011

<sup>13</sup> A utilização das cartas, testemunhos, relações e os memoriais produzidos por Antonio Ruiz de Montoya foi permitida graças à transcrição e atualização para a ortografia espanhola contemporânea e a reunião de documentos da Monumenta Peruana e Coleção Angelis, feita por Maria Isabel Rebes em sua dissertação de mestrado. Todos os documentos citados no presente artigo, fazem parte da compilação documental presente na dissertação citada. Ver mais em: REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo. 2001. 400 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2001.

<sup>14</sup> Relação escrita por Antonio Ruiz de Montoya ao Padre Francisco Vázquez Trujillo, Provincial da Companhia de Jesus, em 1630, intitulada como “Estado das reduções de Los Angeles del Tayaoba, Jesus María e Concepción de Gualachos”, transcrita por: REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo, 2001, p.80

manjar [...] O sabor da carne humana, a duras penas infantis, enfim chegara à boca de um jesuíta<sup>15</sup>.

Até a pacificação dos mesmos, a questão da guerra de Tayaobas contra Gualachos se acirrou, com a acusação de que os primeiros haviam assassinado jesuítas. Após essa pacificação dos Tayaoba-Guarani, com a conversão de Tayaoba, que passou a se chamar Nicolau<sup>16</sup>, os indígenas de Tayaoba passaram a conviver bem com os seus inimigos, os Gualacho. Com isso, alguns desses Gualacho, da missão de Nuestra Señora de los Gualachos ou Acaray, acabariam indo reunir-se com os Tayaoba para formar a missão de Los Angeles de Tayaoba. Contudo, os jesuítas tiveram que garantir aos Gualachos que não seriam atacados ao chegarem na nova missão<sup>17</sup>. Com isso, criou-se “uma legítima experiência de convívio entre etnias distintas se realizou: em Los Angeles de Tayoba, reuniram-se aproximadamente 30 caciques Guarani e Jê<sup>18</sup>”. Pois,

“ahora después que han recibido el Santo evangelio así estos como aquellos ya no como enemigos capitales, pero como unos muy grandes amigos se tratan todos ellos, viniendo los gualachos al Tayaoba y estos yendo a la

<sup>15</sup> BAPTISTA, Jean T. **O Temporal**: sociedades e espaços missionais, 2009. p.68

<sup>16</sup> “Disseram o mesmo os gentios ali presentes, aos quais eu já havia dado instrução a respeito destes ministérios divinos, pois eram catecúmenos. Batizei-os, e o Tayaoba veio chamar-se de Nicolau”. RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**, 1997. p.130

<sup>17</sup> “Llegué a un pueblo donde raramente ha entrado español por ser apartado y los indios algo fieros, guerreros y valientes. Cuadróme el sitio y mucho más el Cacique principal el cual tiene cinco hijos todos Caciques con pueblo aparte cada uno, el cual como supo que yo había puesto al Tayaoba en paz con sus enemigos y que habían hecho pueblo grande me rogó que si venía a hacer pueblo, me quedase allí que le juntaría mucha gente porque deseaba tener paz con Tayaoba cuyo enemigo había sido mucho tiempo hacía”. Carta Ânua escrita por Antonio Ruiz de Montoya ao Padre Mucio Viteleschi, General da Companhia de Jesus, em 1628, intitulada como “Carta del Padre Antonio Ruiz de Montoya em la décimo segunda Carta Ânua del Padre Provincia Nicolas Mastrilli Durán em la que se relaciona lo acaecido en la Provincia em los años 1.626-1.627”, transcrita por: REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya: Testemunha de seu tempo**, 2001, p.231

<sup>18</sup> BAPTISTA, Jean T. **A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas?**, 2009. p.201

tierra y pueblos de los gualachos. Hiciéronse estas amistades ahora año y medio o cerca de dos años<sup>19</sup> .

Essa pacificação de povos inimigos, não era estranha para os jesuítas, pois a questão já estava presente nas *Constituições* da Companhia de Jesus. Cabe salientar, que o assunto não era tratado de forma específica para questões envolvendo grupos indígenas, mas tratava de como os jesuítas deveriam tratar os seus inimigos. Essa política visava tratar os inimigos como amigos, imitando Cristo, para que estes inimigos pudessem se tornar amigos ou não mais pôr barreiras para a expansão do Evangelho<sup>20</sup>.

Com o conhecimento, prévio, de que havia dois grupos indígenas diferentes houve uma transformação dessa instrução para sanar o problema da guerra entre eles, através da evangelização dos dois grupos e a ênfase “a idéia de integração, bem como para o domínio de idiomas ‘mais dificultosos’ que o Guarani, conforme considerações da época<sup>21</sup>”, como também a questão do perdão que deveria ser dado ao inimigo e o abandono das mutuas vinganças.

Tal fato, fez com que Los Angeles de Tayaoba, chegasse a ter “más de mil setecientos indios, aunque a los Padres les parece que tiene dos mil, por la mucha gente que le ha entrado después de que hizo matrícula en que se hallaba de la primera vez que se matricularon 2.400, y tener experiencia de que nunca se descubren todos de la primera vez<sup>22</sup>”.

A partir dessa união de dois grupos distintos, o que se pode observar é o comprometimento que os mesmos tiveram em participar ativamente do processo de construção da missão onde iriam habitar, salientando que “as organizações comunitárias de trabalho, portanto, demonstram-se diretamente

---

<sup>19</sup> Relação escrita por Antonio Ruiz de Montoya ao Padre Francisco Vázquez Trujillo, Provincial da Companhia de Jesus, em 1630, intitulada como “Estado das reduções de Los Angeles del Tayaoba, Jesus María e Concepción de Gualachos”, transcrita por: REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo, 2001, p.80

<sup>20</sup> SPANU, Diogini. **Invitati in missione**: Le istruzioni date da S. Ignazio. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1979.

<sup>21</sup> BAPTISTA, Jean T. **O Temporal**: sociedades e espaços missionais, 2009. p.122

<sup>22</sup> Relação escrita por Antonio Ruiz de Montoya ao Padre Francisco Vázquez Trujillo, Provincial da Companhia de Jesus, em 1630, intitulada como “Estado das reduções de Los Angeles del Tayaoba, Jesus María e Concepción de Gualachos”, transcrita por: REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo, 2001, p.81

vinculadas às alianças estabelecidas entre grupos distintos ou aparentados<sup>23</sup>. Sobretudo, devido à importante liderança dos caciques envolvidos<sup>24</sup>.

### 3. Considerações finais

A presente pesquisa encontra-se em fase inicial, conseqüentemente, passível de algumas mudanças e reformulações que estão sendo feitas a medida em que novos documentos são lidos e analisados para a escrita do que virá a ser o primeiro capítulo da dissertação de mestrado. O que se pode, a princípio, afirmar é que os jesuítas se utilizaram de algumas normas da própria Companhia de Jesus para possibilitar a convivência de grupos, até então, inimigos num mesmo ambiente. Além de alguns jesuítas, como no caso de Antonio Ruiz de Montoya, aprenderam a língua Macro-Jê para melhor se comunicarem com os seus catecúmenos, entretanto outros, sabiam apenas o Tupi-Guarani.

Portanto, para tentar resolver os problemas impostos pela diversidade linguística destes dois importantes grupos indígenas, é possível que os missionários tenham optado por um idioma “oficial” dentro das missões, pelo menos entre os caciques durante este período inicial. Isto seria uma forma de facilitar a comunicação entre as lideranças indígenas entre si, como também, com os missionários que chegariam a estas missões sabendo apenas o idioma Guarani.

### Referencias bibliográficas

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista espiritual:** a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma/Itália: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002. 542 p.

---

<sup>23</sup> BAPTISTA, Jean T. **O Temporal:** sociedades e espaços missionais, 2009. p.39

<sup>24</sup> BAPTISTA, Jean T. **O Temporal:** sociedades e espaços missionais, 2009. p.38



BAPTISTA, Jean T. A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas? In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009. p. 207-228 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul – Vol. 5)

\_\_\_\_\_. **O Temporal**: sociedades e espaços missionais. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009. (Dossiês Históricos do Museu das Missões; 1)

\_\_\_\_\_. **O Eterno**: crenças e práticas missionais. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009. (Dossiês Históricos do Museu das Missões; 2)

BOHN MARTINS, Maria Cristina. Acerca da guerra e da paz nas crônicas jesuíticas das reduções: o caso da Conquista Espiritual de Montoya. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v.XXXIII, n.1, p. 133-148, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. 3ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 345 p.

MANUSCRITOS DA COLEÇÃO DE ANGELIS. **Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951. (MCA I)

\_\_\_\_\_. **Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952. (MCA II)

\_\_\_\_\_. **Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641)**. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. (MCA III)

\_\_\_\_\_. **Jesuítas e bandeirantes no Uruguai (1611-1758)**. Introdução, notas e glossário por Hélio Vianna. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970. (MCA IV)

MELIÀ, Bartomeu. **El guaraní conquistado y reducido**: ensayos de etnohistoria. Asunción: Univ. Católica, 1988.

NEUMANN, Eduardo. Os Guaranis e a razão gráfica: cultura escrita, memória e identidade indígena nas reduções – Séculos XVII & XVIII. In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009.

PARELLADA, Claudia Inês. **Arqueologia do Paraná**. Disponível em: <<<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=31>>>. Acesso em: 06/02/2011

REBES, Maria Isabel Artigas de. **Antônio Ruiz de Montoya**: Testemunha de seu tempo. 2001. 400 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2001.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia. **Cadernos IHU Ideias**, ano 9, nº 151, p. 1- 52, 2011.

SPANU, Diogini. **Invitati in missione**: Le istruzioni date da S. Ignazio. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1979. p.153-301.